

A RELAÇÃO LÍNGUA/ESCRITA NA CONCEPÇÃO DE FERDINAND DE SAUSSURE

Ana Cecília Teixeira Gonçalves e Giliane Saldanha da Silva

RESUMO[®]

O presente artigo trata da relação língua / escrita, apresentada pelo teórico Ferdinand de Saussure, nos capítulos VI da *Introdução* e IV da *Segunda Parte* do **Curso de Lingüística Geral**. Com esse intuito, o trabalho analisa as posturas discutidas nesses dois capítulos sobre a concepção da escrita: no primeiro, a secundarização da escrita, isto é, a escrita como representação da língua e, no segundo, a escrita apresentada como o principal referente para explicar as características essenciais da língua na teoria do valor lingüístico.

PALAVRAS-CHAVE: escrita, língua, representação

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da escrita, procurando fazer uma análise da representação da mesma apresentada no **Curso de Lingüística Geral**, de Ferdinand de Saussure.

Nesse sentido, através de diversas leituras objetivamos contextualizar o objeto escrita, sua história, estrutura e outras características referentes a ela. Assim, procuramos estabelecer uma dialética entre os textos do capítulo VI, da *Introdução*, e o capítulo IV, da *Segunda Parte*, do **Curso de Lingüística Geral**, a fim de proporcionar uma maior compreensão da concepção de escrita apresentada pelo autor.

Conforme Machado (1997), existem dois grupos principais, nos quais se dividem os estudiosos acerca da concepção de escrita. O primeiro corresponde aos defensores da autonomia da escrita como um instrumento da língua, buscam libertar a escrita da dominação a qual é submetida. A segunda tendência que é, certamente, a dominante, refere-se à secundarização da escrita em relação à linguagem. A autora destaca que alguns partidários dessa última linha não utilizam o termo "representação", entretanto, falam de espelho, reflexo, correspondência biunívoca, entre outras formas, e atribuem à escrita um lugar

secundário relacionando-se com a linguagem, a oralidade. Nessa linha, situa-se Saussure, embora no IV capítulo da *Segunda Parte*, o teórico mostre-se, de certa forma, indiferente à abordagem representacionista da escrita. Encontramos, assim, um dos aspectos contraditórios de sua complexa, mas importante teoria.

1 As diferentes funções atribuídas à escrita

A análise dos dois capítulos do **Curso de Lingüística Geral** (VI Capítulo da *Introdução* e IV Capítulo da *segunda parte*) possibilita constatar informações importantes acerca da relação existente entre linguagem e escrita apresentadas por Saussure.

Ao nos determos no capítulo VI da *Introdução*, podemos perceber que o principal interesse do autor é valorizar a língua. Saussure se esforçou ao máximo e utilizou fortes argumentos para defender a idéia de que a escrita é exterior à linguagem. Com isso, ele atribui à escrita um lugar secundário, instrumental, com a função de representar a língua. Aliás, esta concepção já está apresentada, de forma explícita, no próprio título do capítulo: "Representação da língua pela escrita" (p. 33).

Nessa passagem do texto, constatamos que o objeto de estudo de Saussure é a língua: "produto social depositado no cérebro de cada um", ou melhor, a língua como um sistema (p. 33). O autor menciona que é através da escrita que temos a possibilidade de conhecer as línguas, entre elas as mortas, e, dessa maneira, enfatiza a necessidade de estudá-las, reconhecer sua utilidade, bem como os defeitos e inconvenientes desse processo, através do qual a língua é representada. Assim, conforme já mencionamos, atribui à escrita um lugar secundário, de imagem ou reprodução; é a escrita um sistema de signos diferente do sistema da língua, e a sua "única razão de ser é representar" esta (p. 35).

No decorrer deste capítulo, Saussure critica a

ênfase dada à escrita em relação à língua, aponta a superioridade sobre a forma falada, e se propõe a mostrar as causas dessa preponderância. De acordo com o teórico, o objeto lingüístico é a palavra falada e a escrita é a imagem dessa palavra, constituindo, assim, uma relação de representação. Para ele, essa ligação é tão próxima que chega a causar uma simbiose entre língua e escrita, e à última é atribuído papel principal, já que é dada maior importância a ela nos estudos lingüísticos. Esse destaque é contestado pelo mesmo estudioso, pois, para ele, a língua independe da escrita. O autor menciona que a escrita pode assegurar a exatidão de dados e, por isso, retardar as modificações da língua, mas salienta que a conservação desta não é comprometida pela ausência da escrita.

Então, Saussure aponta alguns fatores na tentativa de explicar esse prestígio indevido da escrita. São eles:

- » a característica de permanência da escrita, esta que é algo concreto, e, mesmo sendo extrínseca à natureza humana, oferece-se mais segura e sólida do que a fala;
- » o apelo ao aspecto visual que, conforme o lingüista, ocorre devido ao fato deste ser mais nítido e duradouro do que o sonoro;
- » a utilização da escrita na escola (literatura, dicionários, gramáticas...), visto que a ortografia estabelece regras e, então, regulamenta a língua fazendo com que esqueçamos que falamos antes mesmo de escrever;
- » a intensificação do valor da escrita causada pela língua literária (livro);

Machado (1997) também disserta sobre duas características da escrita, que são classificadas como sendo de aceitação relativa entre os autores que tratam da relação língua/escrita; e que dizem respeito aos dois primeiros fatores apontados por Saussure: a conservação e a fixação da palavra, e sua dimensão visual e espacial.

A partir disso, Saussure destaca o imerecido valor dado à escrita, apontando que o prestígio de tal é meramente cultural, uma vez que utilizamos a escrita para determinar a língua falada, isto é, fazemos o caminho inverso, pois, conforme o estudioso, a língua é que deve influenciar a escrita, visto que para ele, esta é mera representação daquela. Assim, podemos mencionar Hagege, que é citado por Machado (1997), porque para ele a escrita tem virtudes para metamorfosear o sentido em objeto. Isso abala a concepção representacionista da escrita de Saussure, uma vez que ataca, diretamente, a idéia, conforme

Machado (1997), insustentável e ingênua da escrita como simples representação do sistema lingüístico, trazendo, para esse plano, também a oralidade.

Ao falar sobre os dois sistemas de escrita: o ideográfico – em que um único signo representa a palavra, a escrita chinesa, por exemplo, e o sistema fonético – que visa reproduzir os sons que se sucedem na palavra, como o alfabeto grego – Saussure observa que o último sistema reflete a língua de modo racional. Entretanto, a lógica desse sistema não assegura a “harmonia” entre a grafia e a pronúncia.

O autor diz que são numerosas as razões dessa discordância, e cita algumas. A primeira diz respeito ao fato de que a evolução contínua da língua se opõe à estabilidade da escrita. Como resultado, temos a grafia que não corresponde ao que realmente deveria representar. Esse desacordo também ocorre quando um povo toma emprestado o alfabeto de outro que não é apropriado para representar a língua de tal civilização. A consequência é a inadequação de recursos desse sistema para cumprir algumas funções novas, assim, lança-se mão de alternativas inusitadas para supri-las (temos como exemplo a utilização de duas letras para representar o mesmo som). Por último, considera ainda um outro fator negativo, o uso inadequado do princípio da escrita etimológica, que causa distorções na escrita de algumas línguas.

As consequências dessas discordâncias são algumas incoerências lastimáveis encontradas na escrita, como por exemplo “a multiplicidade de signos para representar um mesmo som” (p. 39). Além disso, também existem as “grafias indiretas” utilizadas para diferenciar palavras, o que, conforme o autor, pode dificultar nosso entendimento, causando confusão (p. 39). No inglês, por exemplo, acrescenta-se uma vogal para alongar a vogal precedente: “made” – “mad”.

O lingüista também afirma que é possível encontrar exemplos na forma escrita - como a palavra francesa “oiseau”, falada [waso] – em que os sons não são representados pelos seus signos característicos; “o resultado evidente de tudo isso é que a escrita obscurece a visão da língua; não é um traje, mas um disfarce” (p. 40).

Assim, a escrita é tida como modelo apesar de não representar a língua como deveria. Esse fato “inverte a relação legítima e real existente entre a escrita e a língua” (p. 40). Conforme o teórico, a consequência ocasionada por estas e outras situações - em que se toma a forma escrita como

norma a ser seguida - é a falsa dependência da língua em relação à escrita. Mais adiante no texto, o autor ainda ressalta a importância da etimologia no que diz respeito à fixação da pronúncia de uma palavra. No português, temos o exemplo do vocábulo "muito", que teve sua pronúncia fixada não pela ortografia, mas sim pela história da palavra.

Neste capítulo, podemos concluir que Saussure concede um grande valor à língua, sendo esta entendida única e exclusivamente como oralidade. Quanto à escrita, atribui um lugar secundário, instrumental. A utilidade da forma escrita é representar a língua, sendo a primeira dependente funcional da segunda.

Sendo assim, através da análise desse capítulo, podemos compreender porque Machado (1997) classifica o pai da lingüística moderna como o mais distinto dos representacionistas. Também, é possível notarmos, sobretudo através das afirmações de Catach (1996), que o termo representação é central no **Curso de Lingüística Geral**. Nesse contexto, conforme a mesma autora, o teórico sustenta seus argumentos através de adjetivos carregados negativamente, que apontam para a desvalorização da escrita. Podemos dizer que nessa passagem da obra, o teórico focaliza seus estudos na tentativa de demonstrar a secundarização da escrita em relação à língua.

Entretanto, esse aspecto negativo referente à escrita não é observado no *capítulo IV da segunda parte* da mesma obra, o qual Saussure divide em quatro partes, centralizando suas afirmações primeiramente na língua; em seguida no valor lingüístico, considerado em seu aspecto conceitual; logo, em seu aspecto material e, por último, analisando o signo em sua totalidade. Ao falar sobre o valor lingüístico, o autor toma a escrita como termo de referência para explicar características próprias da língua, por esse motivo, deteremos nosso estudo, sobretudo, nesse tópico.

Segundo Catach (1996), há uma inversão de papéis relacionados à escrita, visto que esta é empregada para definir as características internas da língua, a teoria do valor lingüístico, o que detectaremos, a seguir, a partir do estudo de tal capítulo.

Ao fazer uma interpretação do signo, Saussure afirma que, nele, um conceito está ligado a uma imagem acústica, portanto, numa palavra simboliza a significação. Porém, esse conceito nada tem de inicial, ao contrário, é um valor

estabelecido pelas suas relações com outros valores semelhantes, sendo essencialmente dependente deles, a significação.

Assim, como a parte conceitual do valor é formada por relações e diferenças com os demais termos da língua, o mesmo acontece com a parte material, abordada no terceiro tópico do texto. Conforme o lingüista, o que importa na palavra não é o som, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra das demais, pois são elas que têm a "significação", ou seja, possuem a relação interna da palavra (p. 137).

A relação entre os signos lingüísticos apresenta características correlativas, ela é arbitrária e diferencial. O valor do signo é determinado pelo contexto o qual este é inserido, depende da relação com outros signos, isto é, da diferença existente entre eles. Constata-se que os signos atuam não por seu valor intrínseco, mas por sua posição relativa.

O autor ainda observa que o som não pertence à língua, ele é apenas um aspecto secundário para ela, "matéria que põe em jogo" (p. 137). Salienta que os valores convencionais apresentam esse caráter de não se confundir com o elemento que lhe serve de suporte. No significante lingüístico isso também é observado, este elemento não é fônico, "é incorpóreo, constituído, não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras" (p. 138).

Tal é a importância desse princípio que se aplica a todos os elementos materiais da língua, dentre eles, os fonemas. Estes que são "entidades opositivas, relativas e negativas". Assim, o sistema de elementos sonoros de um idioma é caracterizado pelo fato de seus componentes não se confundirem entre si (p. 138).

Nesse contexto, o autor usa a escrita para explicar essas características essenciais da língua, afirmando que no sistema gráfico existe "idêntico estado de coisas". Dessa maneira, a escrita é tomada como referência para esclarecer a questão. O teórico diz que a escrita se assemelha à língua pelas seguintes razões:

- como na língua, os signos da escrita também são arbitrários, não há qualquer relação entre uma letra e o som representado por ela.
- as letras do sistema gráfico apresentam a característica de serem negativas e diferenciais. Pode-se escrever a mesma letra de várias formas,

desde que esse signo não seja confundido com outro.

- a escrita é um sistema definido que possui um número determinado de letras, estas que se opõem umas às outras.
- a forma como é produzido o signo não precisa ser levado em consideração, visto que ela não altera a significação, não tem importância para o sistema.

Sobre tal assunto, Derrida (1973) afirma que é exatamente à teoria do valor lingüístico que devemos opor Saussure. "Antes de ser ou de não ser 'notado', 'representado', 'figurado' numa grafia, o signo lingüístico implica uma escritura originária" (Derrida, 1973: 64). Assim, a tese da diferença como fonte do valor lingüístico será utilizada por esse autor na tentativa de chegar a uma ciência da língua escrita.

CONCLUSÃO

Constatamos, dessa forma, um duplo sentido atribuído à escrita: se por um lado, no *capítulo VI (introdução)* ela é vista como imagem, reflexo, um instrumento da língua, uma outra função é observada no *capítulo IV (segunda parte)*, quando é utilizada para exemplificar a teoria do valor lingüístico. Segundo Machado (1997), a ligação entre a escrita e a língua é um obstáculo para os estudiosos. De acordo com o que observamos, nos capítulos já referidos do **Curso de Lingüística Geral**, Saussure destaca tal relação, ora dando à escrita o papel de representar a língua, tornando-a, então, secundária; ora contradizendo-se ao utilizar aquela para explicar esta. Dessa forma, percebemos a dificuldade do estudioso em posicionar-se coerentemente.

Derrida (1973) faz questionamentos de suma importância acerca dos pressupostos de Saussure, isto é, interroga o objetivo de tal teórico, que ao fazer o projeto da lingüística geral exclui o sistema da escrita de seu campo de estudo. Para o autor, é intrigante a preocupação que Saussure demonstra para com o sistema gráfico, já que a todo o momento procura proteger o conjunto interno da língua, da ameaça contínua da escrita; e a esta é imposta toda a carga negativa, o que fica evidente no **Curso de Lingüística Geral**. Derrida (1973) ainda argumenta que a idéia de representação, mesmo que falsa e que Saussure tivesse consciência dessa não-verdade, era necessária para firmar os argumentos de exterioridade da escrita e, sobretudo, consolidar a concepção de essencialidade ligada à língua falada, enquanto

abstração, que seria, então, o objeto da lingüística.

Podemos concluir que, de fato, a escrita é vista de diferentes maneiras, pelo mesmo autor, assim, a utilização da forma escrita para explicar a questão do valor lingüístico denuncia um aspecto contraditório na obra saussuriana, no que diz respeito à concepção de escrita apresentada pelo teórico.

Conforme Machado (1997), Saussure contribui muito para a relação língua / escrita, mas sua teoria é complexa, ambígua e contraditória. Então, por sua "indefinição teórica" (termo utilizado por Calvet (2002) ao comparar Saussure com Meillet em uma outra circunstância teórica, ou seja, em um outro ponto problemático, segundo Calvet, de sua teoria), que se refere ao trato da língua / escrita, Saussure apresenta-se como um estudioso bastante complicado, mas, ao mesmo tempo, muito interessante, pois abre um amplo campo vasto de interpretações, estimulando nosso interesse pelo assunto, e nossa busca por soluções, ou melhor, respostas mais objetivas em outros teóricos. Porém, ao fazermos a procura das diferentes concepções, retornamos a Saussure, estabelecendo comparações, cruzamento de idéias, a fim de construirmos uma idéia mais definida, clara sobre a difícil relação língua / escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- _____. **Estética da criação verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARROS, Aidil de Jesus; LEHFELD, Neide Aparecida. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BUÑUEL, Luis. **Meu último suspiro**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1999.
- CALVET, Jean-Louis. **Sociolingüística. Uma Introdução Crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CATACH, Nina. **Para uma teoria da língua escrita**. São Paulo: Ática, 1996.
- CORRÊA, Marcia Cristina. **Escrita: esse obscuro objeto do desejo**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- DERRIDA, Jacques. **Da Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FREITAS, Maria Tereza. **O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Papirus, 1994.
- _____. Vygotsky & Bakhtin. **Psicologia e educação: um intertexto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- GARCEZ, Lucília. **A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto**. Brasília: UNB, 1998.

JODELET, D. (org). **As representações sociais**. RJ. Ed UERJ, 2002.

MACHADO, Ana Maria Netto. **Presença e Implicações da Noção de escrita na obra de Jacques Lacan**. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. Trad. De Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein, São Paulo, Cultrix/USP,1972.

VYGOTSKY, Liev et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 3.ed. São Paulo: Ícone, 1991.

VYGOTSKY, Liev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998a.

_____. **Pensamento e linguagem**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998b.

_____. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998c.

NOTA

© Trabalho desenvolvido pela aluna do 8º semestre do Curso de Letras, Ana Cecília Teixeira Gonçalves, bolsista de Iniciação Científica PIBIC/ CNPq do Projeto *A representação da escrita nos [escritos dos] estudos lingüísticos*, com a participação da aluna do 8º semestre do Curso de Letras, Giliane Saldanha da Silva, co-autora do trabalho. O trabalho foi orientado pela Prof.^a Dr. Marcia Cristina Corrêa, do Depto. de Letras Clássicas e Lingüística e membro do Laboratório Corpus.